

## BEM-VINDO AOS INDESEJÁVEIS: A DUPLA IMAGEM DE JUDEUS NO BRASIL NOS ANOS 30

*Jeff Lesser\**

Por que um governo criaria regras e depois não as seguiria? Esta questão é muito importante para quem estuda a história brasileira porque, desde o século passado, quando leis contra a importação de escravos eram “para os ingleses verem” a contradição entre as regras escritas e a prática tem um forte lugar na política brasileira. Alguns historiadores acham esta divergência entre lei e prática típica de um governo onde os políticos em cargos importantes como presidente, ministros etc., têm pouco contato com os funcionários de verdade. Outros acham que isso tem alguma coisa a haver com a cultura ibérica, dizendo que regras são muito menos importante do que os contatos pessoais. Mas gostaria de discordar destas duas teses e propor uma outra resposta. Que a divergência entre regra e prática é um jeito, bem conceitualizado, para a elite satisfazer vários constituintes diferentes ao mesmo tempo. Ou seja, quando o governo Vargas proibiu a entrada de judeus no fim de 1937, e deixou mais de 4000 judeus entrarem no Brasil em 1939, isso não mostra um governo incompetente ou corrupto. Pelo contrário, mostra um alto nível de flexibilidade que permitiu ao governo Vargas ser visto como ambos, um governo liberal e nacionalista de direita.

Nos anos 30, políticos e intelectuais brasileiros reagiram fortemente a idéia da imigração judaica ao Brasil. Basta ler a sua correspondência para saber que eram

---

\* Connecticut College. Department of History. 270 Mohegan Annex. New London, CT 06320-4196. USA.

muito preconceituosos contra judeus, usualmente seguindo idéias trazidas da Europa Central. Mas os mesmos preconceitos que funcionaram em alguns momentos para fechar as portas brasileiras a judeus refugiados, em outros momentos ajudaram a abrir as portas fechadas. Ou seja, judeus no Brasil e fora, manipularam os preconceitos de poderosos brasileiros para forçar a abertura do Brasil num momento em que os judeus da Europa estavam lutando para sobreviver.

Poucos conflitos dentro do governo Vargas criaram tanta discussão como a imigração judaica depois de 1935. Depois de 2 anos de restrição informal, em 7 de junho 1937, membros do Estado Novo decidiram emitir uma circular secreta proibindo visas para todos os judeus e a entrada dos mesmos. O resultado foi que, em 1938, poucos judeus entraram no Brasil. Em 1939, porém, para a surpresa dos anti-semitas, mais de 4000 mil judeus entraram no Brasil, mais do que em qualquer ano desde 1929.<sup>1</sup> Este crescimento não deve sugerir que os preconceitos contra judeus desapareceram subitamente. Entretanto, imagens tradicionais de judeus – como urbanos, não-agricultores, orientados aos negócios financeiros, e internacionalmente poderosos – no fim de 1938 e começo de 1939 foram cada vez mais vistas como indicadores da importancia de imigrantes judaicos para o desenvolvimento econômico do Brasil.<sup>2</sup> Ou seja, os mesmos preconceitos que em alguns momentos eram vistos como negativos começaram a ser vistos como positivos.

Por que essa mudança? Primeiramente, grupos que queriam ajudar refugiados fizeram um intenso trabalho para manipular como as imagens de judeus seriam interpretadas pelas elites. Em segundo lugar, os Estados Unidos, um país que não queria aceitar muitos refugiados, pressionou outros países a aceitá-los. Terceiro, alguns dos políticos mais importantes no Brasil, mesmo sendo anti-Semitas como Oswaldo Aranha, perceberam que refugiados da Itália, Austrália e Alemanha, de fato, possuíam as experiências de sociedade industriais que o Brasil precisava.<sup>3</sup> Uma mudança na política que permitiria a entrada de Judeus considerados úteis para o Brasil, parece racional. Nos anos 30, como poucos brasileiros tinham treinamento como industriais ou técnicos, a indesejabilidade étnica de alguns imigrantes foi preterida pelos benefícios econômicos e políticos que eles poderiam trazer. Então, a rejeição da proibição contra a entrada de judeus não mostra uma mudança de atitude mas sim de interpretação dessa imagem, que ajudou a salvar quase 10 mil pessoas do Nazi-Fascismo.

A razão mais importante para a entrada de tantos judeus entre 1939 e 1942 foi uma mudança na maneira em que políticos importantes pensaram sobre judeus. Por exemplo, imagens negativas de judeus geralmente envolviam idéias de que judeus controlavam muito dinheiro. Então, organizações que ajudavam judeus manipularam este preconceito e usaram-no em favor dos refugiados. Judeus ricos passaram a ser

glorificados como uma possibilidade de ajudar o desenvolvimento econômico do Brasil.<sup>4</sup> A entrada de judeus famosos, como Stefan Zweig, era usada por alguns membros da elite brasileira para mostrar ao lado aliado que o Brasil representava este valores liberais. Ou seja, a imagem do judeu foi simplesmente usada como propaganda anti-fascista. Preconceitos negativos contra judeus foram transformados para mostrar que refugiados como contadores, cientistas, ou gerentes poderiam ajudar o desenvolvimento do Brasil. Ou seja, judeus usaram os próprios preconceitos para combater os anti-Semitas.

Um exemplo disso aconteceu em março de 1939 quando o então Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, esteve nos Estados Unidos para negociar uma série de empréstimos com o governo norte-americano. Em um jantar num grupo privado em Nova Iorque, o diretor de uma grande companhia chamada Bendix, Lutweiler e Cia. perguntou a Aranha se o Brasil “estava preparado a aceitar judeus de um tipo e treinamento que podem ser assimilados rapidamente e com bastante recurso financeiros.”<sup>5</sup> Aranha encorajou o diretor e no dia seguinte o Ministro foi informado que “um grupo americano interessado no problema da emigração judaica da Alemanha estava preparado a aceitar dinheiro brasileiro como pagamento pelo débito brasileiro contratado em dólares.” Ao mesmo tempo, o governo brasileiro criaria um fundo para ajudar refugiados já habitando o país e cada depósito também seria aceito como pagamento do débito. Este é um exemplo perfeito de como um preconceito pode ser usado para ajudar refugiados.

Como foi possível que estes preconceitos fossem manipulados com tanta facilidade durante o governo Vargas? Uma possível explicação é que o preconceito usualmente está baseado em poucos fatos. Racismo, muitas vezes, tem um componente positivo sobre as pessoas. Por exemplo, uma importante parte do racismo contra escravos foi a idéia de que eles eram mais fortes do que os brancos, que eles podiam trabalhar de um jeito especial. Foi muito comum nos anos 30, quando os debates sobre a entrada de japoneses eram muito fortes, que pessoas opostas a imigração japonesa, preocupadas com o “perigo japonês” no Brasil, dissessem que os japoneses eram inteligentes demais, e muito trabalhadores. Então, foi semelhante com judeus. Mesmo as pessoas mais preconceituosas podiam mudar facilmente entre uma idéia do judeu como útil para o desenvolvimento econômico do Brasil e também indesejável para o desenvolvimento social. O diário de Lindolfo Collor, *Europa 1939* mostra um exemplo desta dupla imagem. No livro, Collor fala sobre a purgação do Maxim Litvinov como comissário do Povo no Ministério de Relações Exteriores da União Soviética. O que é “pitoresco” escreveu Collor, foi que o irmão do “judeu Litvinov,” um rabino da sinagoga polonesa de Lodz, reclamou contra Litvinov.<sup>6</sup> Segundo Collor,

o irmão, o rabino Janekl Wallach, disse: "Este é o começo do castigo. Eu volto agora a ter alguma esperança de que meu irmão reconhecerá suas faltas contra Jeová e comece vida nova. Pode o senhor fazer uma idéia do que eu tenho sofrido por motivo da detestável atividade deste irmão?" Essa história mostra muito bem uma visão do judeu ambos como um perigo (Litvinoz, o comunista) e um símbolo humano (o irmão, o rabino). Ou seja, nesta historinha de Lindolfo Collor o judeu é, ao mesmo tempo, mau e bom.

Esta tensão entre imagens positivas e negativas fez muitos políticos, ao mesmo tempo apoiar e combater a entrada de judeus refugiados. Ou seja, em qualquer dia, a pressão política imediata afetou a maneira como a política imigratória foi aplicada. Uma análise da correspondência entre Oswaldo Aranha e postos diplomáticos na Europa mostra estas mudanças. Em 9 de agosto de 1939, o Itamaraty ordenou a H. Pinheiro de Vasconcelos, o cônsul geral em Londres, dar vistos de residência a um grupo de judeus refugiados da Polônia.<sup>7</sup> Dois meses depois, por outro lado, o mesmo Itamaraty escreveu o seguinte à ligação diplomática brasileira em Helsinki, Finlândia: "A legislação pode dar vistos para refugiados somente se eles não são judeus."<sup>8</sup> Mais uma vez, temos um exemplo de uma dupla imagem e de uma política ambígua em relação a aceitação de judeus.

Não foram só os diplomatas no Rio de Janeiro que carregaram esta dupla imagem. É muito fácil achar exemplos originados nos consulados e embaixadas brasileiras na Europa. Um diplomata em Paris, na mesma carta, escreveu que judeus não devem receber permissão de entrar no Brasil mas perguntou ao Itamaraty se uma proibição absoluta seria muito sábia.<sup>9</sup> Este diplomata afirmou que 75 por cento dos comerciantes franceses eram judeus que só queriam entrar no Brasil para turismo ou negócios. Pedro Leão Veloso, um outro diplomata, sugeriu que judeus trouxeram milhões de dólares para a economia brasileira, esquecendo que a maioria dos refugiados judeus não receberam permissão para sair da Alemanha com seus bens.<sup>10</sup>

Alguns políticos também acharam que judeus poderiam ajudar a melhorar a imagem internacional do Brasil depois de longa ligação com a Alemanha Nazista e a Itália Fascista. Giorgio Mortara, um judeu Italiano, perdeu seu emprego como professor e diretor da revista econômica italiana mais importante em 1938. Imediatamente depois, ele foi convidado ao Brasil por José Carlos Macedo Soares, diretor do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística. Ele chegou no Rio em 1939 com a esposa e quatro filhos e foi escolhido como diretor do censo de 1940.<sup>11</sup> Num outro caso, um diplomata brasileiro pediu, e recebeu, permissão para convidar um refugiado francês que morava nos Estados Unidos, o escritor de peças de teatro Henri-Leon Bernstein, para ficar no Brasil e escrever uma peça sobre o país.<sup>12</sup> O caso mais famoso é o de Stefan

Zweig, um escritor e intelectual austríaco que foi convidado ao Brasil pessoalmente por Getúlio Vargas e que escreveu o super-propagandístico, **Brasil: País do Futuro**. A presença de Zweig no Brasil foi usada até pelo DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda, para surpreendentemente promover a organização de governos municipais.<sup>13</sup>

Esta dupla imagem de judeus permitiu 4.500 refugiados entrarem no Brasil em 1939 embora muitos outros que pediram vistos na mesma época foram recusados. A melhor ilustração desta política de mudanças envolveu o famoso cientista Albert Einstein. A relação entre Einstein e Oswaldo Aranha surgiu primeiro no livro de Maria Luiza Tucci Carneiro sobre anti-semitismo na era Vargas.<sup>14</sup> Naquele livro, Tucci Carneiro analisou um pedido do Einstein a Aranha em 1941 para dar um visto a um amigo e, como ela mostra, o visto não foi concedido. A história, porém, começou bem mais cedo e foi bem mais complicada do que um pedido. Em 1938 um amigo de Einstein, Hans Katz, um judeu alemão morando em São Paulo com um visto de permanência, entrou em contato com o cientista para que este o ajudasse a conseguir um visto para sua irmã, Helene Katz, ainda em Berlim e querendo muito sair da Alemanha que estava ficando cada vez mais perigosa para judeus. Einstein tentou conseguir um visto americano para a irmã mas a requisição foi rejeitada pelo governo dos Estados Unidos<sup>15</sup>. Em janeiro de 1939 Einstein escreveu diretamente para Aranha mas o Ministro, aparentemente, nunca recebeu a carta. Em fevereiro Dr. Katz escreveu de novo para Einstein e desta vez Einstein foi mais esperto. Ele descobriu que Aranha visitaria os Estados Unidos para negociar um empréstimo do governo norte-americano. Então, o cientista mandou uma carta para Aranha através do Departamento de Estado Americano em Washington.<sup>16</sup> Dentro de quatro meses o visto para Helene Katz foi concedido pelo governo brasileiro.<sup>17</sup>

A grande entrada de judeus em 1939 não durou, mas ainda em 1940 e 1941 mais de 1.500 refugiados por ano receberam vistos de entrada. Inúmeras razões explicam esta queda. Primeiro, depois de 1939 ficou cada vez mais difícil sair da Europa, mesmo com um visto de entrada em um outro país. Segundo, cada ano que um judeu permaneceu na Europa, ele tornou-se mais pobre, e para as elites brasileiras, menos atraente. Finalmente, depois da entrada do Brasil no lado aliado, os governos dos Estados Unidos e Inglaterra puseram cada vez menos pressão sobre o Brasil para aceitar judeus. Mas mesmo assim, muitos judeus refugiados entraram no Brasil entre 1939 e 1942 e, depois de chegarem ao país, eles foram bem tratados. Também, depois do fim da guerra, a entrada de judeus começou de novo a crescer.

Por que existiam tantas divergências entre lei e prática durante a época Vargas? Por que a intervenção do Albert Einstein em 1939 conseguiu vistos para refugiados,

e a intervenção do mesmo em 1942 não teve um final positivo? Espero ter mostrado que essas divergências não eram de verdade. De fato, a política imigratória brasileira com referência aos judeus foi muito esperta, satisfazendo três grupos com ideias contraditórias: nativistas contra a entrada de judeus e todos os imigrantes; elites econômicas preocupadas com o desenvolvimento industrial do Brasil; e políticos cujas preocupação era aliar o Brasil com os Estados Unidos e outros países ricos, fortes e industrializados. A política imigratória foi muito bem conceitualizada, mostrando um alto nível de flexibilidade que permitiu ao governo Vargas ser visto como ambos um governo liberal e da direita. Esta flexibilidade encaixou perfeitamente com uma dupla imagem de judeus que existia nas cabeças de algumas das pessoas mais poderosas no Brasil. Quando todo este processo é analisado em conjunto, percebe-se que uma política foi criada e permitiu a entrada no Brasil de alguns judeus considerados úteis ao desenvolvimento brasileiro, mesmo quando muitos outros refugiados pediram vistos sem recebê-los. Nesta história, judeus, com árabes, japoneses, negros, e chineses, nunca foram aceitos como parte da sociedade cultural brasileira, mesmo quando aceitos como importantes para a economia brasileira.

## NOTAS

- 1 – Todas as estatísticas representam vistos legais dados a judeus pelo governo Brasileiro.
- 2 – Estes preconceitos são típicos dos que existiam na Europa desde o século XIX. Ver, Robert M. Seltzer, *Jewish People, Jewish Thought: The Jewish Experience in History*. (New York, 1980). 627-634; Lucy S. Dawidowicz, *The War Against the Jews, 1933-1945*. (Toronto, 1976), 29-62.
- 3 – Aranha a Adhemar de Barros, 20 Out. 1938. Maço 9601 (612); Aranha a Vargas, 30 Nov. 1937. EM/30/30/XI/37. Maço 9857 (660). Arquivo Histórico Itamaraty – Rio de Janeiro (AHI-R). Theodore Michael Berson, "A Political Biography of Dr. Oswaldo Aranha of Brazil, 1930-1937." (Ph. D. diss, New York University, 1971), 265 e Maria Luiza Tucci Carneiro, *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)* (São Paulo: Brasiliense, 1988), 258-295.
- 4 – Rosalina Coelho Lisboa a Vargas, sem data. GV 40.09.00/4. Centro de Pesquisas e Documentação – Fundação Getúlio Vargas – Rio (CPDOC-R).
- 5 – Ilegível a Aranha, 8 Março 1939. Maço 10, 561 (741). AHI-R.
- 6 – Lindolfo Collor, *Europa 1939* (Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989), 157-8.
- 7 – 511.14 (547)/324. 9 Nov. 1939 e 511.14 (547)/326 13 Nov. 1939. Maço 29.630 (1291). AHI-R.
- 8 – Itamaraty à legação em HelsinKI, 13 Out. 1939. 558. (72), 511.14 (457). Maço 29.630 (1291). AHI-R.
- 9 – Cônsul Geral (Paris) a Aranha, 13 Jun. 1939. Maço 10, 561 (741). AHI-R.
- 10 – Pedro Leão Veloso a Aranha, 26 Jan. OA 40.02.01/1, p. 3 CPDOC-R.

- 11 - Angelo Trento, *Do Outro Lado do Atlântico: Um Século de Imigração Italiana no Brasil*. Traduzido por Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão (São Paulo: Nobel, 1989), 385.
- 12 - Cônsul Geral (Paris) a Aranha, 13 Junho 1939. Maço 10, 561 (741). AHI-R.
- 13 - Cândido Duarte, *A Organização Municipal no Governo Getúlio Vargas* (Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942), 213.
- 14 - Tucci Carneiro, *O Anti-Semitismo*, 283.
- 15 - Einstein a Katz, 12 Dez. 1938. Katz a Einstein, 24 Dez. 1938. Einstein Duplicate Archive, 53602, 53604. Seeley G. Mudd Manuscript Library, Princeton University Archives (New Jersey) [SMML-NJ].
- 16 - Einstein a Aranha, 14 Fev. 1939. Einstein a Katz, 14 Fev. 1939. Einstein Duplicate Archive, 53609, 53610. SMML-NJ. Einstein a Aranha, 24 Fev. 1939. SP/SN/558./Anexo único. Maço 9857 (660). AHI-R.
- 17 - Einstein a Aranha, 3 Dez. 1940. Einstein Duplicate Archive, 54769. Fabian-Katz a Einstein, 18 Set. 1953. Einstein a Fabian-Katz, 25 Set. 1953. Einstein Duplicate Archive, 59627, 59629. SMML-NJ.